



**PRIMEIRO  
MINISTRO**

**PALESTRA PÚBLICA DE  
SUA EXCELÊNCIA O PRIMEIRO-MINISTRO  
KAY RALA XANANA GUSMÃO**

**NO INSTITUTO DE DIPLOMACIA E RELAÇÕES  
INTERNACIONAIS**

**“DIPLOMACIA INTERNACIONAL NUM MUNDO CADA VEZ  
MAIS FRAGMENTADO E FRÁGIL”**

**Kuala Lumpur, Malásia**

**2 de dezembro de 2024**

Boa tarde e Salam Sejahtera

Excelências, Senhoras e Senhores,

É uma profunda honra estar aqui hoje no prestigiado Instituto de Diplomacia e Relações Internacionais (IDFR), um centro de excelência em formação diplomática e pensamento estratégico.

A vossa dedicação no fomento da compreensão e na preparação de líderes para as complexidades das relações internacionais fez do IDFR uma instituição vital, não apenas para a Malásia, mas para toda a nossa região.

Timor-Leste valoriza imensamente a nossa colaboração com a ASEAN e as oportunidades oferecidas aos nossos diplomatas e funcionários para se formarem aqui, dotando-os de competências para navegar num ambiente global cada vez mais complexo e frágil.

Os desafios da diplomacia de hoje são tão assustadores quanto necessários de enfrentar.

A história ensina-nos que cada época traz a sua quota de incertezas, conflitos e crises.

Assim como para os malaios, os rumos da história tiveram um impacto dramático na vida do povo timorense. Estes incluíram a descolonização, a ocupação, a Guerra Fria e o seu caótico final, a crise financeira asiática e a queda do regime indonésio, a restauração da independência e os desafios de construção da paz e do Estado.

Vejo muitos jovens na audiência hoje, e todos podemos imaginar as mudanças históricas dramáticas que irão experienciar nas suas vidas.

O IDFR presta-nos um serviço vital, não só promovendo discussões sobre os desafios internacionais que enfrentamos, como também destacando a importância da preparação e da visão estratégica. Lembra-nos que o futuro pertence àqueles que ousam estar preparados para ele.

Hoje, quero começar por recordar um evento que muitos consideraram improvável: o nascimento de um Timor-Leste livre.

A nossa história é um testemunho de resiliência, determinação e do poder da diplomacia.

Como a maioria das nações do Sudeste Asiático, o nosso passado foi marcado por séculos de colonialismo europeu, seguidos de uma difícil transição para a independência.

Durante os séculos de domínio português, o nosso povo lutou contra os excessos coloniais, incluindo durante períodos de revoltas e resistências.

Em 1974, após a Revolução dos Cravos – que este ano assinala 50 anos – Portugal começou a conceder autodeterminação às suas colónias, abrindo possibilidades para o nosso futuro.

Contudo, este era um período de alta tensão política internacional no Sudeste Asiático. A guerra no Vietname aumentava os receios ocidentais sobre a expansão do comunismo. Um ano depois, em abril de 1975, Saigão caiu e governos comunistas chegaram ao poder no Vietname, no Camboja e no Laos.

Foi neste contexto político que decidimos assumir o controlo do nosso destino e, em 28 de novembro de 1975, fizemos uma declaração unilateral de independência.

Nove dias depois, a Indonésia invadiu o nosso país, após receber luz verde dos Estados Unidos e da Austrália.

O nosso povo foi abandonado pelas grandes potências ocidentais, que permaneceram em silêncio ou apoiaram a nossa anexação. Durante 24 longos anos travámos uma luta aparentemente impossível, mal equipados e em inferioridade numérica, contra um gigante armado pelos seus aliados ocidentais.

Mas tínhamos algo maior do que armamento: tínhamos um sonho. Um sonho carregado nos corações dos nossos antepassados e transmitido através das gerações, que nos inspirou a continuar a campanha de guerrilha pelas montanhas e vales de Timor.

Enquanto o nosso povo resistia e os nossos combatentes de guerrilha enfrentavam dificuldades no campo de batalha, outros assumiram uma luta diferente – na frente diplomática, como era seu dever. Levaram a nossa causa às Nações Unidas, às capitais do mundo e aos ouvidos daqueles que tiveram a coragem de ouvir.

Desafiámos as probabilidades, confrontámos o rumo que a história parecia ditar e contámos com a bravura de indivíduos e nações que se colocaram ao nosso lado. Estes aliados arriscaram o seu próprio prestígio para apoiar o nosso povo, mesmo quando isso significava opor-se às políticas dos seus próprios governos.

Foi liderando com diplomacia que conseguimos garantir um referendo de independência para o nosso país, no qual o nosso povo exerceu corajosamente o seu direito à autodeterminação.

Embora muitos indivíduos tenham contribuído para a conquista da liberdade de Timor-Leste, devemos dar um reconhecimento particular a esse gigante da diplomacia que foi Kofi Annan. Kofi Annan, um homem de grande humanidade, liderou as Nações Unidas com um sentido de propósito e esteve determinado a garantir que o povo timorense tinha controlo sobre o seu próprio destino.

Após votarmos pela independência, enfrentámos a tarefa de reconstruir uma sociedade traumatizada e empobrecida, destruída por anos de guerra.

Ainda assim, compreendemos que o único caminho a seguir era o da paz e da reconciliação.

A tolerância superou a vingança. O perdão superou o ódio.

Sabíamos que a independência, e os sacrifícios do nosso povo, não teriam valor, e que não poderíamos alcançar harmonia social, se os corações dos timorenses estivessem cheios de ódio e desejo de vingança.

Da nossa experiência compreendemos que seria impossível construir a nossa nação se as sementes do ódio e da desconfiança fossem plantadas na nossa sociedade.

A reconciliação foi o nosso pré-requisito para a estabilidade nacional, que, por sua vez, era um requisito para o desenvolvimento.

Sabemos que cada nação tem o seu próprio contexto, a sua história e a sua cultura.

Ainda assim, acredito que todos os povos anseiam pelo mesmo: viver em paz e harmonia.

Por isso acredito que o diálogo é tão importante – o diálogo dentro de cada nação e o diálogo internacional, respeitando a soberania de cada país, onde os poderosos não procuram impor os seus interesses aos fracos e vulneráveis.

O que nos distingue como seres humanos é a nossa profunda capacidade de cuidar, mostrar compaixão e encontrar força na diversidade. Estas qualidades são a base da paz, do progresso e da justiça.

E assim, a nossa história é uma história de esperança, resiliência e da crença inabalável de que a justiça pode prevalecer, por mais esmagadoras que possam parecer as probabilidades.

É um lembrete de que, mesmo nos tempos mais sombrios, os sonhos podem iluminar o caminho para a liberdade.

Como vimos, em cada era a diplomacia emerge como a alternativa mais eficaz à guerra e à discórdia, um mecanismo para construir pontes e criar caminhos para a paz.

Hoje, a diplomacia é mais necessária do que nunca.

Enfrentamos crises em todo o globo que expõem a fragilidade da ordem internacional baseada em regras. Um dos exemplos mais flagrantes é a tragédia em curso em Gaza – um lembrete do que acontece quando a diplomacia falha.

A situação em Gaza destaca as terríveis consequências de conflitos não resolvidos. O fracasso em resolver a questão israelo-palestina criou um ciclo de desespero e violência, devastando vidas civis e corrompendo as normas internacionais. A situação em Gaza não só ilustra o colapso do direito internacional, como também expõe a hipocrisia do Ocidente.

Sentimos algum alento com o anúncio, há poucos dias, de um cessar-fogo entre o Hezbollah e Israel. Contudo, como sabemos pela história deste conflito em particular, os cessar-fogos são frágeis, e já há relatos de cada lado a acusar o outro de violar os termos do acordo.

Fui convidado a ir a Genebra, para a Cimeira de Paz na Ucrânia. Quando participei, senti-me profundamente encorajado e motivado. Durante os 24 anos de luta pela independência, cerca de 250.000 timorenses perderam a vida. No caso da

Ucrânia, a cada minuto assistimos e ouvimos mais crianças a chorar, mais mortes e mais sofrimento do povo ucraniano. Na cimeira, todos falavam sobre a paz, sobre a necessidade de paz. Contudo, muitos de nós saímos desiludidos. Isto porque não era uma Cimeira de Paz na Ucrânia, mas uma Cimeira de Guerra na Ucrânia. Não se falou sobre a necessidade de diálogo ou reconciliação. O que ouvimos foi: “vamos dar mais dinheiro, comprem mais armas”. A cimeira foi um exercício de reafirmação da vontade de continuar a guerra, de ganhar a guerra, sem pensar no sofrimento das pessoas. Por isso, quando digo que o direito internacional não está a funcionar bem, é por causa de casos como este.

É claro que os cessar-fogos não significam paz, mas sim o fim da violência, para criar espaço para que as negociações políticas ocorram. Isso só pode acontecer quando passarmos da hostilidade e desconfiança para a tolerância e a reconciliação.

Na cimeira, um jornalista perguntou-me: “O que pensa sobre a paz na Ucrânia?”. Respondi: “A Ucrânia e a Rússia têm de se sentar à mesma mesa”.

É por isso que aqui, no Sudeste Asiático, peço aos jovens para terem um sonho. Todos nós temos de construir um mundo sem guerra, um mundo de paz. Esperamos que, quando crescerem, possam construir um mundo de paz e harmonia. Porque o estado do mundo de hoje mostra o quanto a paz pode ser frágil e esquiva.

A maré crescente de intolerância e extremismo, frequentemente disfarçada sob o manto do nacionalismo, continua a ameaçar o próprio tecido da nossa humanidade partilhada.

E, enquanto o mundo se concentra em Gaza e na Ucrânia, não podemos esquecer os crescentes conflitos e agitações em todo o globo: da República Democrática do Congo, à República Centro-Africana, ao Sudão e ao Iémen, passando pelo Haiti e, também, na nossa própria região.

Há alguns anos, fui convidado pela FAO a visitar Milão.

Disseram-me: “Temos comida, temos terra para plantar. Então, qual é o problema?”

Eu disse-lhes: “Em África, particularmente no Norte de África, as pessoas migram para a Europa, com incontáveis vidas perdidas no Mediterrâneo. Porquê?”

Pedi aos líderes para pensarem nisso. Porquê? Eles têm muita terra, podem cultivar arroz e outras colheitas, mas morrem de fome e tentam encontrar um lugar na Europa, para viverem. Porquê?”

A resposta é o conflito.

A comunidade internacional, em vez de agir para resolver os conflitos, fala mais sobre como ajudar os sobreviventes no Mediterrâneo. Não veem a verdadeira causa do problema. E mais, se num país há petróleo, gás ou outros recursos valiosos, fornecem dinheiro a diferentes grupos para lutarem uns contra os outros, enquanto exploram tudo, pois o governo do país não consegue proteger os recursos que tem.

Na República Centro-Africana existe uma força de manutenção da paz há quase três décadas, mas não há paz. Pelo contrário, aqueles que deveriam estar a manter a paz agem segundo os seus próprios interesses. Há alguns anos, provou-se mesmo que máfias do crime organizado ofereciam diamantes às forças de manutenção da paz, que depois os contrabandeavam para a Europa.

Estamos num mundo muito, muito desordenado.

Embora sejam os países desenvolvidos quem persegue a industrialização e o crescimento económico sem grande consideração pelo ambiente, são os países em desenvolvimento, especialmente os Pequenos Estados Insulares e os Países Menos Desenvolvidos, quem está mais vulnerável às alterações climáticas.

Como diplomatas, será um desafio, mas também uma necessidade, gerir a ascensão da China e garantir que os nossos países não são arrastados para a competição geoestratégica entre a China e os Estados Unidos.

E devemos fazê-lo no contexto da ascensão das potências médias e da transição para um mundo multipolar.

Esta transição para um mundo multipolar torna-se ainda mais complexa com o crescimento do nacionalismo, do isolacionismo e da desordem global. A juntar a todas estas mudanças e fragilidades, enfrentamos também os desafios dos avanços tecnológicos e da ascensão da inteligência artificial. Paradoxalmente, assistimos ao uso indevido das redes sociais, que promovem divisões, espalham desinformação e amplificam o ódio. Será crucial garantir que a Inteligência Artificial é usada como uma

força para o bem no mundo, e não como uma ferramenta de divisão, opressão e vigilância.

Senhoras e Senhores,

Durante a luta de resistência timorense, tivemos uma força fundamental ao lado do nosso povo: o direito internacional e o sistema internacional.

No mundo fragmentado e frágil de hoje, com o colapso do direito internacional, a eficácia das nossas instituições globais está a ser posta em causa.

Com as instituições internacionais a enfrentarem dificuldades, a cooperação regional oferece caminhos construtivos para a colaboração internacional e a consolidação da paz.

Vimos a ASEAN fomentar com sucesso a paz, a cooperação e o crescimento económico numa região dinâmica e de grande diversidade.

Timor-Leste orgulha-se de partilhar esta visão.

Sendo nós uma pequena nação, sabemos que não podemos “avançar sozinhos” na nossa região.

Compreendemos a força da solidariedade regional e queremos contribuir para a paz e o desenvolvimento sustentável.

Caros amigos,

Timor-Leste é também um membro orgulhoso do g7+, uma coligação de Estados frágeis e afetados por conflitos, comprometida em construir resiliência através do apoio mútuo e da aprendizagem partilhada.

A nossa jornada, do conflito à construção da nação, ensinou-nos que o desenvolvimento não pode ser alcançado de forma isolada.

Exige instituições robustas, governação inclusiva e uma diplomacia eficaz.

Para nós, a diplomacia não se trata apenas de negociações de alto nível. Trata-se de ouvir, aprender, partilhar experiências e agir de formas que façam a diferença no terreno.

A diplomacia deve liderar o caminho, carregando a tocha da empatia e do respeito, lembrando-nos do que nos une, em vez do que nos separa.

O g7+ demonstrou como os Estados frágeis podem unir-se para amplificar as suas vozes no palco internacional.

Trabalhando juntos, destacámos a importância de soluções lideradas pelos próprios países e a necessidade de políticas globais que respeitem as situações únicas de cada nação.

A diplomacia tem sido a nossa ferramenta para transformar a vulnerabilidade partilhada em força coletiva.

Senhoras e Senhores,

Enquanto olhamos para o futuro, devemos investir na próxima geração de diplomatas.

O mundo precisa de negociadores habilidosos, construtores de pontes e defensores do diálogo e da reconciliação.

À medida que enfrentamos um mundo desordenado, precisamos de pessoas capazes de desenvolver uma nova visão global.

Instituições como o IDFR desempenham um papel crítico na formação deste talento.

Ao enfrentarmos desafios como as alterações climáticas, a desigualdade económica e os conflitos geopolíticos, devemos lembrar-nos de que a diplomacia é a nossa ferramenta mais poderosa.

É a diplomacia que transforma diferenças em diálogo, conflitos em cooperação e aspirações em conquistas.

Cada diplomata tem o dever sagrado de ser um mensageiro da paz e um defensor da justiça, representando o melhor do que significa ser-se humano.

Caros amigos,

Os desafios que enfrentamos atualmente exigem esforço coletivo.

O regionalismo, o multilateralismo e a diplomacia não são apenas ideais, são necessidades.

Timor-Leste está empenhado em desempenhar o seu papel.

Lembremo-nos de que a diplomacia, no seu cerne, é sobre esperança.

É sobre acreditar na possibilidade de um futuro melhor e trabalhar incansavelmente para torná-lo uma realidade.

Muito obrigado pela vossa paciência e por ouvirem-me.

Kay Rala Xanana Gusmão